

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DO GÊNERO FÁBULA

Jocélia Santos Batista de Souza¹
Rejane Maria Macena da Silva²
Edilma de Lucena Catanduba³

RESUMO

Esse estudo faz parte de uma pesquisa desenvolvida no PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) Campus III, UEPB. Tem o objetivo de ensinar leitura e escrita através do gênero fábula, no 8º ano das séries finais de uma Escola Municipal da cidade de Duas Estradas PB, promovendo o desenvolvimento da linguagem, do senso crítico dos alunos, de modo que sejam capazes de refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos, aprimorando a competência leitora e habilidades de escrita. É através da linguagem que os seres humanos tornam-se sujeitos sociais, portanto, o ensino da linguagem é um instrumento essencial para a construção do processo de interação e influencia diretamente nas relações sociais entre os sujeitos. Nessa pesquisa, a linguagem é abordada sob o paradigma interacional, isso implica pensar o ensino de leitura e escrita na perspectiva dos gêneros textuais e discursivos. Para tanto, embasamos a pesquisa em estudos de Bakhtin (2004), sobre a concepção de gêneros discursivos; Marcuschi (2008), no tocante aos gêneros textuais; Koch e Elias (2012), ao que se refere a concepção de leitura e escrita; Coelho (1991) e Fernandes (2001) ambos abordando o gênero fábula como uma narrativa ficcional. Trata-se de uma pesquisa aplicada, cuja metodologia contempla uma sequência didática inspirada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que a conceituam como um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática que emprega atividades de modo a inserir o gênero nas aulas de língua portuguesa, direcionando os alunos para a produção escrita. No desenvolvimento da sequência serão aplicados módulos para a abordagem do gênero, com etapas de reconhecimento, através de oficinas de leitura, com a elaboração de fábulas autorais produzidas pelos alunos que serão socializadas em evento acadêmico na comunidade escolar, colocando em relevo o protagonismo dos estudantes.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino. Gênero Fábula.

1. INTRODUÇÃO

O aprendizado da leitura e da escrita tem sido um dos grandes desafios nos diferentes meios educativos do cenário brasileiro. Tendo em vista que ainda persistem baixos índices de desenvolvimento, demonstrados pelas dificuldades de ler, escrever, compreender textos, é necessário fazer com que os alunos adquiram hábitos e interesse pela leitura para que possam

¹ Mestranda do curso PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, jocelia.santos.batista.souza@aluno.uepb.edu.br;

² Mestranda do curso PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, rejane.maria.macena.silva@aluno.uepb.edu.br;

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba/ UFPB, edilmacatanduba@servidor.uepb.edu.br.

ampliar seu aprendizado adquirindo maior competência para interagir através da fala e da escrita.

Através da linguagem, nos tornamos sujeitos sociais. Assim, o ensino da mesma se configura como instrumento essencial para a construção do processo de interação. Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa é promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, para que sejam capazes de refletir sobre a sociedade, aprimorando a competência leitora e habilidades de escrita, a partir do gênero narrativo Fábula. No estudo desse gênero, de caráter alegórico e ficcional, discutimos suas características e refletimos sobre valores éticos e morais que fazem parte de sua construção de sentidos.

O ensino do gênero e conseqüentemente da linguagem é fundamental pois, como afirma Bakhtin (2004), a linguagem é um ato social que se modifica e se realiza nas relações sociais. Em todas as atividades humanas, interagimos através da linguagem, o que confirma a necessidade de se trabalhar com os gêneros discursivos, que são para Bakhtin (2011), textos que circulam socialmente, por meio da linguagem falada e escrita, em cada campo da sociedade.

Partindo do reconhecimento de que é necessário ensinar leitura e escrita para o desenvolvimento social dos alunos, consideramos que é essencial abordar a linguagem sob a perspectiva sociointeracional. Isso implica assumir uma concepção segundo a qual “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2004, p.95). Implica também situar a reflexão sobre o aprendizado da leitura, da produção de textos no terreno do ensino dos gêneros textuais na sala de aula, uma vez que, evidencia-se na escola, a necessidade de desenvolver a motivação, o interesse e hábitos de leitura e de escrita, promovendo uma aproximação do ensino às práticas de linguagem que fazem parte do cotidiano dos alunos dentro e fora da escola. Como afirma Soares: “É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura” (SOARES, 2002, p.6), de modo que, os discentes possam lidar com textos que aguçam seu imaginário e estimule sua capacidade leitora e de escrita.

2. CONCEPÇÃO INTERACIONAL DA LINGUAGEM

Os seres humanos tornam-se sujeitos sociais através da linguagem, essencial para a construção do processo comunicativo, influenciando diretamente nas relações sociais entre os sujeitos. Portanto, linguagem e sociedade não se separam. Para refletir sobre linguagem e seus conceitos é necessário considerar o processo de ensino e de aprendizagem da língua, uma vez que, tem conseqüências diretas na sala de aula e no trabalho do professor. Assim, “a concepção

de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua que se adote” (KOCH, 2005, p. 15).

A linguagem humana tem sido estudada, segundo (KOCH, 2000, p. 09), sobre três distintas concepções: a) como representação “espelho” do mundo e do pensamento; b) como instrumento “ferramenta” de comunicação; c) como forma, ou seja, “lugar” de ação ou construção de interação.

A concepção de linguagem como representação, espelho do pensamento, revela uma perspectiva em que o homem faz da linguagem uma representação de si mesmo para o mundo, reflete a expressão do seu próprio pensamento. Subjaz a essa concepção a ideia de que regras devem ser seguidas para a elaboração do raciocínio lógico do pensamento e da linguagem.

Essa concepção corresponde a uma linguagem de meros reflexos mentais. É nessa perspectiva que se observa um “sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada.” (KOCH, 2009, p. 13). A leitura por sua vez é vista como essa captação de ideias, levando a enunciação para um campo monológico e individual.

Na segunda concepção, que considera a linguagem como instrumento de comunicação, o ensino da língua se dá pela forma linear e descritiva. Objetiva-se a transmissão de informações, uma vez que, a língua é “um conjunto de signos que se combinam segundo regras”, conforme Geraldí (2006, p.41). Tal concepção, revela-nos que “o texto é visto como simples produto da decodificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto o conhecimento do código utilizado” (KOCH, 2008, p. 10). A aprendizagem está estruturada na memorização, “[...] não há interlocutores, mas emissores e receptores, codificadores e decodificadores” (POSSENTI, 2006, p. 49). A principal função da linguagem resume-se apenas à transmissão de informações.

A concepção referente à linguagem como forma de interação verbal, trata a língua como social, possibilitando aos sujeitos de uma sociedade ações que concebem a linguagem como um lugar de interação comunicativa. Segundo Travaglia (2000, p. 23), “[...] os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e ‘falam’ e ‘ouvem’ desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais”. Os sujeitos transformam a linguagem e são por ela transformados.

Em síntese, cada concepção da linguagem acompanha um processo evolutivo de conhecimento da língua e da linguagem. No entanto, para reforçar a ideia de que se faz necessário romper antigos modelos que não mais atendem às demandas dos sujeitos na

interação humana. Os documentos normativos confirmam tal ideia ao afirmarem que: “o estudo da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade” (BRASIL, 2000, p. 16). As diversas situações sociais são consideradas nessa concepção, pois a língua é vista como um ato dialógico. Segundo Travaglia (2000, p. 23):

O que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Assumimos nesta pesquisa o viés interacionista da linguagem, segundo o qual os sujeitos são vistos como agentes sociais capazes de refletir criticamente tendo a interação e a linguagem pautadas nas diversas formas possíveis de interação social.

3. LEITURA: PERSPECTIVA INTERACIONAL

Assim como a linguagem, a leitura, que também é uma atividade social, se traduz como uma das atividades que mais produz conhecimento ao ser humano, capaz de aperfeiçoar posicionamentos críticos e promover o entendimento de mundo na construção de sentidos. Desse modo, ao trabalhar as práticas de leitura na escola, estaremos atribuindo sua devida importância e afirmando o quanto é essencial para construirmos alunos leitores.

Sobre essa questão, Koch e Elias (2009, p. 9), sugerem os seguintes pontos para reflexão: “o que é ler? Para que ler? Como ler?”. Esses questionamentos podem ser respondidos de diversas formas, mas “revelarão uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua de texto e de sentido que se adote”. Dessa forma, o foco da leitura poderá ser no autor, no texto ou na interação autor-texto-leitor.

Para as autoras, a leitura com foco no autor, está relacionada ao leitor passivo, que apenas captará as intenções do autor. A partir da representação mental do autor, o leitor é levado a mentalizar suas ideias e intenções. Segundo Koch e Elias (2009, p.10), a leitura com foco no autor “é entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, [...]. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções”.

A concepção da leitura com foco no texto, é entendida como um produto a ser decodificado pelo leitor, precisando este ter conhecimento apenas do código a ser utilizado. O

texto é para essa concepção um mero produto da codificação do emissor. Dessa forma, subjaz à leitura com foco no texto a concepção de língua apenas como instrumento de comunicação.

Segundo as autoras, “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado.” (KOCH e ELIAS, 2008, p. 10). Cabe ao leitor, nesse tipo de concepção, extrair informações e conteúdos do texto, exclusivamente. Portanto, “a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, e sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito””. (KOCH e ELIAS, 2008, p. 10).

A concepção de leitura com foco na interação autor-texto-leitor vem problematizar as duas primeiras, pois considera o autor e leitor, como sujeitos construtores sociais e ativos, os quais se compõem no contexto sociocomunicativo das interações entre os interlocutores. Nesse sentido, a leitura é uma atividade de natureza interativa de produção de sentidos, pois, os sujeitos são vistos como:

atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo [...] dos participantes da interação. [...] A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH E ELIAS, 2009, p. 10).

Percebe-se o quanto a produção de sentidos no processo de leitura é imprescindível no desenvolvimento da interação, uma vez que, o leitor ao se deparar com o texto, deve ser capaz de dialogar com informações implícitas e explícitas para que assim possa elaborar sentidos para o texto. É nesse processo de interação entre os sujeitos que o texto é compreendido como um fenômeno sociocomunicativo. A leitura, portanto, faz parte da nossa atividade discursiva nos mais variados contextos nos quais estamos inseridos.

4. A ESCRITA NO VIÉS INTERACIONISTA

A escrita surgiu da necessidade que o homem tem de se comunicar. Trata-se de um processo pré-histórico, onde símbolos e desenhos expressavam a troca de comunicação entre povos. Segundo Koch e Elias (2009), a escrita era destinada a poucas pessoas privilegiadas. Porém, na atualidade faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, uma vez que estamos sendo levados a produzir textos escritos a todo momento. Assim, como afirmam Koch e Elias (2009), a escrita constituiu-se ao longo do tempo, como um produto sócio-histórico-cultural. As autoras

compreendem a escrita a partir de três perspectivas: com foco na língua, com foco no autor e com foco na interação.

Quando a escrita tem foco na língua, a codificação do texto é mantida como um sistema pronto e acabado, o autor codifica toda e qualquer mensagem e o leitor a decodifica, para isso basta apenas reconhecer o código a ser utilizado, “tudo está dito no dito, ou em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 33).

A escrita com foco no autor nos revela o texto como fruto do pensamento do autor, sobre o qual o leitor não tem domínio. Nessa perspectiva, o leitor é levado apenas a “captar” o pensamento do escritor, não há influência de reciprocidade de ideias e troca de conhecimento entre eles. Há uma barreira que separa um do outro.

Assim como se deu nas concepções de leitura, a escrita com foco na interação vai de encontro às concepções anteriores, pois, para elaborar sentidos para o texto é necessário considerar o contexto interacional onde escritor e interlocutor se inscrevem. Assim, considerando a escrita uma atividade interacional, o escritor deve, em suas produções textuais, elaborar um planejamento de escrita, conscientizando-se de que não escreve apenas para si mas para o outro também, atribuindo valor ao leitor. Como nos diz KOCH; ELIAS, (2009, p.34)

[...] a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante [...] guiado pelo princípio interacional.

No processo de produção de escrita, é necessário que o autor utilize estratégias cognitivas de seleção e organização das ideias, informações explícitas e implícitas e revisão da escrita ao longo do percurso, encaminhados pelo objetivo da produção e pela interação que se estabelece entre leitor e escritor (KOCH; ELIAS, 2009). A fim de produzir bons textos, e desenvolver estratégias, o autor deve também ativar conhecimentos trazidos de sua memória.

Nessa perspectiva interacional de linguagem, leitura e escrita situamos o estudo do gênero fábula, sobre o qual tratamos no tópico a seguir.

5. Gênero Fábula

De acordo com a tradição literária, historicamente, o advento das fábulas surge nos primeiros meados do II milênio. São consideradas um dos gêneros narrativos mais difundidos até os tempos atuais em toda a sociedade. As fábulas estão relacionadas às primeiras manifestações literárias, propagadas em meio à situação social e cultural. Eram popularmente conhecidas, por ser um veículo que muito ressalta um vocabulário de fácil compreensão. Bagno

(2006, p. 51), nos diz que, as fábulas “são tão antigas como as conversas dos homens”, escritas por volta do século VII a.C. e difundidas na Grécia no século VI a.C. por Esopo, escritas e reescritas por vários escritores, em função do seu processo evolutivo e histórico. Dentre os fabulistas pioneiros na escrita desse gênero destacamos Esopo, Fedro e La Fontaine.

Para compreendermos melhor o gênero fábula, recorreremos a algumas de suas conceituações. De acordo com Coelho (1991, p. 146-147), fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”. Já a autora Maria Celeste Consolin Dezotti, nos diz que: “fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer. (DEZOTTI, 2003, pg. 22).

Segundo Coelho (2000), as fábulas carregam contextos metafóricos ou simbólicos, os quais são definidos pela presença de animais, colocando-os em uma situação humana e exemplar. Os personagens representam também contextos universais relativos às expressividades do homem em relação às situações sociais. Coelho (1991, p.115) nos diz que, nas fábulas, “as situações narradas denunciam sempre erros de comportamento, que resultam na exploração do homem pelo homem.”

A autora Fernandes, nos diz que “as fábulas são histórias contadas ou escritas para dar um conselho, para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia etc.” (FERNANDES, 2001, p. 18)

Segundo Portella (1983, p. 121), “A fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado”.

A alegoria é um elemento presente nas fábulas. Como diz Portella (1983), “alegoria é a ficção que representa uma coisa para dar ideia de outra coisa semelhante, isto para diferenciar de ironia que representa sempre o contrário do que se diz”. (PORTELLA 1983, p. 125). Quanto à estrutura, a fábula “é épica e dramática ao mesmo tempo. É um drama em miniatura em que domina a unidade de lugar, de tempo e de ação”. (PORTELLA (1983, p. 127).

A respeito disso, podemos entender que as unidades de ação das fábulas estão relacionadas ao conflito, ao drama e a ação. “não há mais de um conflito, drama ou ação, numa única fábula”. PORTELLA (1983, p. 127). Com relação ao lugar, as fábulas não se detêm, a localidade da cena, a unidade de ação do tempo se dá numa continuidade temporal curta. Quando a narrativa indica tempo passado, essa unidade de tempo é mantida.

As fábulas apresentam narrador, bem como, situações na dependência do diálogo, por haver uma linguagem figurada, há uma verossimilhança com relação à vida, sendo essa simples e objetiva. A presença de animais nas fábulas desperta interesse maior por parte de quem lê.

Gênero de fácil acesso, a fábula aborda uma didática lúdica, com discussões relativas ao cotidiano, refletindo sobre nossas próprias vivências o que pode produzir resultados satisfatórios no sentido de estimular a leitura e escrita. Quanto maior for a inserção do estudo do gênero fábula na sala de aula, maior será a compreensão e o desenvolvimento dos alunos em relação ao mesmo. Assim, traçamos um percurso metodológico para o ensino desse gênero, tema do tópico a seguir.

6. PERCURSO METODOLÓGICO

Por se tratar de uma pesquisa que tem como base o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, por meio do gênero fábula, assumimos uma perspectiva interacionista da linguagem fundamentada em Bakhtin (2011). É uma pesquisa-ação, com viés bibliográfico, de natureza aplicada, a qual desenvolve uma proposta de intervenção e análise qualitativa dos dados. Tem como sujeitos, alunos do 8º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública e municipal situada na zona rural da cidade de Duas Estradas – PB. Os participantes são 10, na faixa etária de 13 a 15 anos.

Os instrumentos a serem aplicados, com vistas à intervenção, seguem a sequência didática inspirada nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com adaptações às propostas por Costa Hübes (2008), no intuito de possibilitar ao aluno a compreensão leitora e de escrita e o domínio da língua nas mais diversas situações da vida cotidiana. As etapas dessa sequência se configuram inicialmente pela apresentação da situação, (o reconhecimento do gênero), a produção inicial e os módulos de atividades até a produção final.

7. APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Como ambiente investigativo, a proposta foi iniciada em sala de aula com a apresentação da situação de comunicação. Foi apresentada aos alunos toda a propositura do projeto, de forma oral, contemplando seus objetivos e proposta. Como módulo de reconhecimento, foi realizada uma sessão, intitulada de Cine Pipoca, com a exibição de um vídeo de curta duração referente à fábula “A Cigarra e a Formiga”, para isso, usamos a TV como recurso audiovisual, momento esse de bastante atenção e receptividade por todos os alunos.

Após essa interatividade lúdica, foi produzida uma roda de conversa que possibilitou além da divulgação de outras fábulas a participação ativa dos alunos. Estes contribuíram com perguntas, trazendo inferências externas, situações do cotidiano, identificando vivências e possíveis acontecimentos da realidade, a exemplo da fábula “O boi e o Sapo” que gerou um debate amplo em virtude da moral da história, aludindo questões de auto e baixa estima, valorização do outro, reconhecimento de si, aceitação de limites e qualidades entre outros pontos levantados pelos alunos.

Em consonância com a sequência didática, foi solicitada aos alunos a primeira produção. Nesse momento, a sugestão foi que eles produzissem uma fábula de forma autoral (livre). Não foi dado nesse momento um comando específico ou solicitada uma temática específica para que pudessem criar e compreender o gênero a seu modo, pois busca-se um diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos, permitindo identificar os possíveis problemas e percepção das capacidades que eles possuem diante da proposta em questão.

Para a análise dos dados, enfatizamos questões voltadas para estrutura do gênero textual fábula como também para o reconhecimento da funcionalidade desse gênero. A pesquisa está em andamento. Os dados estão sendo analisados, para que possam servir de base às possíveis conclusões dessa pesquisa.

8. Considerações Finais

Dada as dificuldades que nossos alunos apresentam, consideramos que esse trabalho pode contribuir para a formação desses sujeitos no tocante ao desenvolvimento da compreensão leitora e de escrita, no sentido de formar sujeitos mais conscientes e mais participativos em nossa sociedade. Assim, como o estudo do gênero fábula, especificamente, abrange uma amplitude do processo de leitura e escrita, da gramática, da língua portuguesa e suas diversas possibilidades de usos, estaremos contribuindo para criar espaços de aproximação entre o ensino escolar e as práticas cotidianas de linguagem para além dos muros da escola.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Fábulas Fabulosas*. In: Práticas de leitura e escrita / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise didática*. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em língua portuguesa*. Londrina, PR: UEL, 2008. Dissertação de Mestrado.

DEZOTTI, M.C.C. (Org.) *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004

FERNANDES, M. T. O. S. *Trabalhando com gêneros do discurso: narrar fabula*. São Paulo: FTD, 2001.

GERALDI, João W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os Segredos do Texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2015

_____. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto. 5. Ed., 2000.

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual* / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PORTELLA, Osvaldo. *A fábula*. Revista Letras, UFPR, Curitiba, n. 32, p.119-136, 1983.

POSSENTI, S. Por que (não) *Ensinar Gramática na Escola*. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 2006.

SOARES, M. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo, Cortez, 2000.